

Fitch: crédito raro pode levar Brasil à recessão

Para analistas da agência de risco, PIB pode ter retração neste 2º semestre. Expansão de 2003 está ameaçada

Flávia Barbosa

• O enxugamento das linhas de crédito para empresas brasileiras pode levar o país à recessão neste segundo semestre, segundo analistas da agência classificadora de risco Fitch. A agência, que projetava expansão de 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2003, já vê chances de que a taxa sequer chegue a 1%.

O crescimento em 2003, por causa das perspectivas ainda

nebulosas para a recuperação dos mercados financeiros, também está ameaçado. A Fitch, que esperava taxa de 3%, trabalha hoje com uma variação entre 1,5% e 3,5%.

Em teleconferência ontem com investidores de todo o mundo, o diretor da divisão de *ratings* soberanos da Fitch, David Riley, afirmou que a crise do financiamento está minando o PIB brasileiro de duas formas. Por um lado, as empresas estão sendo obrigadas

a recomprar suas dívidas — o que diminui os investimentos. Por outro, os exportadores estão adiando ou cancelando embarques, o que pode reduzir ainda mais o já combalido nível da produção industrial.

— Consideramos o enxugamento de crédito uma questão crítica. Estamos observando como isso afetará as empresas e sua capacidade de honrar compromissos — afirmou Roger Scher, que faz as avaliações da América Latina.

A Fitch mostrou-se cética sobre a solvência do Brasil. Segundo Riley, o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) afasta o risco de calote da dívida pública apenas este ano. A partir de 2003, haverá muitos vencimentos e não há segurança sobre quão sustentável o nível de endividamento do país é.

O analista afirmou que o salto na relação dívida/PIB nos últimos anos elevou a necessidade de financiamento exter-

no. Por isso, num cenário de torneiras fechadas, o Brasil pode se ver obrigado a suspender pagamentos ou renegociá-los.

Evolução política e nível de reservas decidirão 'rating'

Para tornar a dívida sustentável, disse Riley, o país precisaria de superávit primário (resultado positivo entre receita e despesas, sem contar pagamento de juros) de 4% do PIB, crescer pelo menos 2%, ter juros reais de 12% e câmbio

na casa de R\$ 3 até 2005:

— Esse cenário está condicionado à política e ainda há muitas incertezas no terreno eleitoral — ponderou.

Desde junho, a avaliação do Brasil está em perspectiva negativa. Para decidir se mantém ou reduz o *rating* do país, a Fitch informou que vai analisar declarações dos principais candidatos à presidência, a eventual fuga de capitais e depósitos dos bancos, assim como o nível das reservas internacionais. ■